

O EDIFÍCIO SEDE DO IAB DE SÃO PAULO

Carlos A. C. Lemos

Os arquitetos paulistas, em 1947, ergueram o belo edifício sede de sua agremiação no então chamado “Centro Novo” da cidade, a região além Viaduto do Chá, cujo portal de acesso era a Rua Barão de Itapetininga. Essa região, na verdade, era um prolongamento natural do Centro Histórico impulsionado antes de tudo pela Av. Ipiranga, recente via de duas pistas aberta por Prestes Maia. Foi aquela zona urbana a primeira a receber construções da Arquitetura Moderna na cidade, até mesmo anteriormente às intervenções do prefeito benemérito, pois ali, na antiga rua Ipiranga, proximidades da Praça da República, em 1935, Álvaro Vital Brazil já levantava a sua obra prima, o edifício Esther.

Ao escolherem a localização de sua sede anteviram os arquitetos a ampla modernização daqueles velhos quarteirões da Vila Buarque, cujo maior centro de interesse era a Santa Casa. O arquiteto Oswaldo Bratke logo já estava ali erguendo nas imediações vários prédios de apartamentos, que iniciaram a modernidade da região. Mas, o impacto maior no movimento verticalizador à volta da casa dos arquitetos deu-se com o início das obras do edifício Copan, de Oscar Niemeyer, em 1952. Quatro anos depois, vem o edifício Itália, do arquiteto Franz Heep. O interessante nisso tudo, é que praticamente todos os arquitetos importantes da cidade instalaram seus escritórios ao redor de sua sede gremial, todos ao redor de sua base de decisões coletivas.

Esse edifício, antes de tudo histórico, nasceu da conjunção de idéias de oito arquitetos de pensamentos diversos e nisso reside a sua configuração digamos comunitária, porque não desagradou a ninguém. Vejamos: Abelardo de Souza e Hélio Duarte vindos da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro eram “modernistas” formados sob a égide de Lúcio Costa, diretor da escola em 1930; Galiano Ciampaglia, Miguel Forte e Jacob Ruchti eram adeptos de Frank Lloyd Wright; de Rino Levi e seu associado Roberto Cerqueira César todos conhecemos a sua modernidade trazida de Roma, aprendida na Real Escola Superior de Arquitetura e proclamada aqui em manifesto de 1925; e, por fim, Zenon Lotufo, com estudos iniciais no Rio, formado engenheiro-arquiteto pela nossa Politécnica e modernista engajado na corrente carioca. Pelo visto, essa obra conjunta tem o maior significado porque revelou uma associação “democrática” originada do confronto de projetos participantes de um concurso entre profissionais desejosos de ter a sua sede conforme suas expectativas. Todas estão ali representadas naquela súmula, ou resumo, da arquitetura paulista daqueles anos do pós Guerra Mundial, quando se deu o processo de verticalização iniciando a metropolização de São Paulo.

Além do mais, sob o ponto de vista histórico, não devemos nos esquecer do fato de o nosso edifício ter sido cenário de conferências e debates importantes desde o início dos anos 50,

quando, sobretudo, foram discutidas alterações no Código de Obras e no Plano Diretor visando uma nova São Paulo para os dias do seu IV Centenário. Das propostas lá debatidas foi possível, por exemplo, alterar gabaritos no novo Centro; sem elas, o prédio do jornal O Estado de S. Paulo, o edifício Itália, o Copan e o edifício Conde de Prates não teriam sido possíveis.

E também não devemos olvidar o acolhimento na sede do IAB, em seu subsolo, do celebrado Clube dos Artistas, o ponto de reunião da intelectualidade discutidora dos problemas não só do universo estético, mas ainda, daqueles obscuros da ditadura.

Pensamos que, à parte de qualquer juízo de valor a respeito de suas qualidades estéticas, a sede do IAB de São Paulo, antes de tudo, deve ser entendida como bem cultural arquitetônico de alto interesse histórico e, por isto, merece seu tombamento pelo IPHAN.

Carlos Alberto Cerqueira Lemos (São Paulo, 22 de janeiro de 1925). *É um arquiteto e historiador de Arquitetura brasileiro.*

Graduou-se arquiteto em 1950 pela FAU-Mackenzie. Foi aluno, em 1946, da primeira turma de Arquitetura da universidade Mackenzie, quando a FAU-USP ainda não havia sido criada (seria criada dois anos após).

Participou da equipe de desenvolvimento do projeto do parque Ibirapuera e de 1952 a 1957 dirigiu o escritório de Oscar Niemeyer em São Paulo (cidade). Foi responsável pela conclusão do edifício Copan. Professor Titular no Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, suas atividades como professor e pesquisador contemplam em especial a arquitetura brasileira e a questão da preservação do patrimônio cultural - neste sentido tendo prestado sua colaboração profissional ao CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) como diretor técnico (1968-1981) e conselheiro (1983-1989); conselheiro do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1992-2000); conselheiro do CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (2001- 2003). É membro do comitê brasileiro do ICOMOS (Internacional Council of Monuments and Sites) e do Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao CIHA).[2] Em 2015, em comemoração aos 90 anos ganha uma homenagem no Museu da Casa Brasileira